

PREFÁCIO

COMO PREFACIAR ESTE LIVRO sem contextualizar a proposição de Jacques Lacan sobre o psicanalista da Escola, a sua proposta sobre o passe? Escola é o termo que escolhe para designar a associação de psicanálise fundada por ele em 1964, a École freudienne de Paris (EFP), tão só como sempre estive na relação com a causa analítica.

E *Delenda*? O que foi esse órgão de informação ativo, que durou de setembro de 1980 a junho de 1981? O que ocorreu imediatamente após a dissolução da EFP pelo seu fundador, em 1980? *Delenda* a favor do passe se constitui em um empenho pertinaz de Jacques-Alain Miller, autor desta coletânea, pela continuidade da “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, de Lacan. *A favor do passe* quer dizer que não se abre mão do passe, apesar da reputação ruim que este acabou adquirindo em sua primeira experiência, na EFP, porque o passe não pode ser extraído do ensino de Lacan ou seja, reconhece-se que ele é parte integrante de seu ensino.

No tocante ao movimento psicanalítico brasileiro, que teve como auge a criação, em 1995, da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) pela Associação Mundial de Psicanálise (AMP), essa aposta psicanalítica de Jacques-Alain Miller veio para durar.

A seleção de 11 textos do autor perfaz uma trajetória que confirma seu empenho em torno do tema do passe, e aqui se acompanham de 15 testemunhos de Analistas da Escola (AE), todos eles membros da EBP.

A história do passe na EBP, por sua vez, se inicia em 2005, quando se autorizou o estabelecimento de um Cartel do Passe Final, formado por quatro AES da EBP e tendo como mais-um a então presidente da AMP, Graciela Brodsky. A experiência começou efetivamente em 2006, mas houve um fato prévio, ocorrido na paradisíaca ilha de Comandatuba, ao término do IV Congresso da AMP, do qual fui diretora.

Entusiasmada com o sucesso do evento, e apoiada e acompanhada de Ana Lydia Santiago, manifestei a Jacques-Alain Miller minha mais profunda convicção de que havia chegado o momento de o Brasil contar com um dispositivo de passe final, imprescindível para que a EBP chegasse ao Congresso que seria realizado em Roma, igualmente em 2006, cujo tema era os Nomes-do-Pai, com a perspectiva de poder questionar o Nome-do-Pai, pluralizando-o. Parecia-me que não havia nada mais impactante para isso do que a EBP contar com sua própria experiência do passe no seio da comunidade, podendo amearhar a confiança de todos nesse formato de trabalho institucional.

E, para selar o apoio à proposta, praticando nosso jeitinho brasileiro de ser, nosso jeitinho brasileiro de brindar, nada melhor do que uma caipirinha, tendo ao horizonte o mar aberto do sul da Bahia: “Bom-dia AMP, bom-dia Bahia, bom-dia ilha de Itaparica”, refrão com o qual tinha sido dada a largada aos trabalhos naquele Congresso de julho de 2004.

São Paulo, 12 de novembro de 2018

Angelina Harari